

O que é lugar de fala?

About "O que é lugar de fala?"

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2018v36n72p153-156>

ARTUR ORIEL PEREIRA¹

RIBEIRO, DJAMILA. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. 112p.

FRENTE À INVISIBILIDADE estruturada pelo racismo patriarcal heteronormativo a que são submetidas as mulheres negras e como isso complexifica suas subjetividades e trajetórias de vida, o livro *O que é lugar de fala?*, primeiro da coleção *Feminismos Plurais*, da intelectual negra e feminista Djamilia Ribeiro², ecoa o reconhecimento da multiplicidade de vozes e lança o questionamento sobre quais sujeitos têm o direito à voz em uma sociedade organizada nos princípios da branquitude, masculinidade e heterossexualidade. Embasado no posicionamento político e em conceitos do feminismo negro, o livro apresenta-nos uma discussão fértil do pensamento de Audre Lorde, bell hooks³, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Grada Kilomba, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, entre outras.

1. Secretaria de Educação, Prefeitura de São Paulo, SP, Brasil.
2. Pesquisadora na área da Filosofia Política, em sua trajetória acadêmica tem desenvolvido pesquisas sobre as relações entre raça e gênero e feminismo. Organizadora da coleção *Feminismos Plurais*, também é colunista da revista e *site* da Carta Capital e ex-Secretária Adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo.
3. Escritora norte-americana Gloria Jean Watkins. Ela justifica a assinatura de suas obras como "bell hooks" afirmando que o que é mais importante em seus livros é a substância e não quem o escreve.

O que é lugar de fala?

O conceito de *lugar de fala* utilizado por ativistas de movimentos feministas, negros ou LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros e Homens Trans) confronta o conhecimento produzido pela epistemologia hegemônica. Esse confronto aparece em inúmeros debates no âmbito acadêmico e na sociedade, e com frequência está presente nas discussões em redes sociais onde os discursos são pautados e travados. No entanto, não há uma epistemologia determinada sobre o conceito, como aponta Ribeiro. A hipótese mais provável é que este tenha surgido a partir da tradição da discussão sobre *feminist standpoint*⁴, diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial.

A partir do ponto de vista feminista, é possível falar de *lugar de fala* e um dos objetivos do feminismo negro é marcar esse lugar, uma vez que as realidades permanecem subentendidas no interior da normatização hegemônica. As narrativas das mulheres negras como ato de restituir humanidades negadas estabelece uma crítica da hierarquização dos saberes como produto da classificação racial, demonstra que o modelo valorizado e universal de ciência é branco, eurocristão e patriarcal.

No bojo da discussão sobre a universalização da categoria mulher apresentadas nesse livro, é importante destacar que o debate a respeito das várias possibilidades de ser mulher, levando em conta “intersecções, como raça, orientação sexual, identidade de gênero” (p. 21), já vinha sendo realizado desde a primeira onda do feminismo pelas mulheres negras, porém, devido ao apagamento dos seus protagonismos, essas questões na pauta feminista só receberam ênfase na terceira onda, sendo Judith Butler uma das principais referências na contemporaneidade. Com competência e domínio do tema, Ribeiro apresenta alguns pressupostos de “quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são” (p. 25), colocando em xeque a imposição epistêmica universal que deslegitima os diversos saberes e a escrita de si, imposição que exclui as pessoas, sobretudo aquelas que não tiveram acesso a um sistema educacional justo.

No percurso filosófico da categoria o *Outro*⁵ e do pensamento decolonial, a autora destaca que as mulheres negras são o *Outro do Outro*: “por não serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade” (p.

4. Tradução literal “ponto de vista feminista”, o lugar de onde se vê (e se fala). Sustenta-se no reconhecimento da posição social ocupada pelo sujeito subjugado.

5. A concepção beauvoriana que defende que a mulher não é definida em si, mas em comparação ao homem, e, através do olhar deste, ela é confinada a um papel de submissão hierarquizada.

39). Essa noção tensiona os privilégios sociais ao mesmo tempo em que mostra o *status* oscilante das identidades e não fixidez desse *status* na pirâmide social.

Acerca das heterogeneidades que circundam a categoria mulher negra, Ribeiro ressalta que não se deve negar uma identidade para afirmar outra, é preciso reconhecer as diferenças e a noção que mulheres negras e brancas partem de lugares diferentes. Não demarcar esses lugares e seguir ignorando que existem pontos de partidas diferentes faz com que mulheres brancas, por exemplo, continuem incapazes de perceber sua responsabilidade com a mudança social e, conseqüentemente, reproduzam opressões contra as mulheres negras.

Para o entendimento do olhar – tanto de homens brancos e negros quanto de mulheres brancas – sobre a mulher negra, confinando-a a um lugar de subalternidade muito difícil, inclusive dentro do movimento feminista, o livro traz o conceito de *outsider within*⁶ destacando que as mulheres negras estão em um não lugar, porém, desse lugar de “forasteiras” as mulheres negras podem aprender a tirar proveito, transformá-lo em um lugar de potência, fazer o uso criativo do lugar de marginalidade, transgredir as normas e promover mudanças sociais. Isso desmonta o mito da fragilidade feminina e mostra que a identidade reivindicada de mulher negra se constitui como sujeito transgressor, histórico e político.

Lugar/posição de fala não se refere necessariamente a indivíduos dizendo algo; é um conceito que parte da perspectiva de que as visões de mundo se apresentam desigualmente posicionadas. Afirma a autora: “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (p. 61). Trata-se de uma análise a partir da localização dos grupos nas relações de poder, levando em conta os marcadores sociais de raça, gênero, classe, geração e sexualidade como elementos dentro de construções múltiplas na estrutura social. Portanto, o conceito parte das múltiplas condições que resultam as desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados.

O livro de Djamila Ribeiro expõe que *lugar de fala* não diz respeito a negar as experiências individuais, tampouco se trata de uma visão essencialista, mas se refere ao reconhecimento do *locus* social e da reflexão de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. É necessário não confundir *lugar de fala* e representatividade devido às similaridades, pois falar a partir de lugares também é “romper

6. Pode ser traduzido como “forasteira de dentro”, uma posição social ou espaços de fronteira ocupados por grupos com poder desigual.

O que é lugar de fala?

com a lógica de que somente subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem” (p. 84). Pelo contrário, todas as pessoas possuem lugares de fala, uma vez que a discussão é sobre localização social e o mais importante é que “indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares dos grupos subalternizados” (p. 86). Pensar *lugar de fala* é uma postura ética.

Em um compromisso social, essa obra dialoga com as diversas instâncias da vida – a acadêmica, a cultural e a social, reconhecendo os sujeitos com suas aprendizagens, seus saberes, como potencialmente capazes de promover a mudança social. Sua leitura lança o desafio às leitoras e aos leitores de tecer interlocuções a fim de construir novas relações em sociedade. Oferece subsídios para reflexão, quebra os silêncios, mobiliza a desestabilização das normas, rompendo com a história única construída e reproduzida por uma epistemologia hegemônica que, muitas vezes, acaba não legitimando os diversos saberes provenientes de diferentes racionalidades.

SOBRE O AUTOR

Artur Oriel Pereira é graduado em Pedagogia (Faculdade de São Paulo) e Letras (Faculdade do Vale Elvira Dayrell), tem especialização em Sociopsicologia (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo). É mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e professor da Prefeitura de São Paulo. Tem experiência na área da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, com pesquisa nos seguintes temas: pedagogia da infância, sociologia da infância, amizades, relações de gênero e relações raciais. Membro da Fraternidade Imhotep dos Homens Negros e do Fórum Virtual Intelectualidade Afro-brasileira. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sociocultural - linha Culturas Infantis.
E-mail: arturoriel@gmail.com.

Recebido em 19 de janeiro de 2018 e aprovado em 23 de março de 2018.